Guarda-chuva aberto numa rua deserta, com um cartaz de alerta vermelho

Publicado em 2026-11-14 17:45:06





📷 O país fechou. A chuva, essa, apareceu de guarda-chuva na mão, pediu desculpa e foi-se embora.

«Chuvinha Assusta Montenegro»: crónica de um país fechado por molha

Relato meteorológico, burocrático e ligeiramente absurdo de um dia em que Portugal inteiro ficou em casa à espera de um temporal que se atrasou, pediu desculpa e não compareceu

---

Circulou esta semana uma expressão que merece entrar nos anais da meteorologia nacional: **«Chuvinha Assusta Montenegro»**. Não é uma classificação do IPMA. Não consta de nenhum boletim oficial. Mas descreve com uma precisão quase científica o novo fenómeno climático português — uma precipitação de intensidade moderada, acompanhada de vento banal e de

Segundo o relato das testemunhas — isto é, de todos nós —, o dia começou com a nação inteira em casa, de pijama, à janela, à espera do apocalipse. As escolas fecharam. As empresas mandaram o pessoal para o telemóvel. As estradas ficaram vazias. Os telejornais abriram com mapas vermelhos e uma música de suspense que, francamente, ficava melhor num filme de tubarões. E a chuva? **A chuva apareceu por volta das onze, molhou as calçadas, cumprimentou duas ou três poças e retirou-se discretamente, como quem chega a uma festa e percebe que se enganou no dia.**

🎬 Pondé: a farsa do politicamente correcto, agora em versão meteorológica — onde duvidar do alerta é negar a ciência e levar um guarda-chuva é um acto de fé.

referências claras, proponho uma escala simplificada, adaptada à realidade nacional:

> 🟢 **Verde — «Chove»**
> Fenómeno atmosférico comum. Recomenda-se guarda-chuva. Não é necessário convocar o Conselho de Ministros.

> 🟡 **Amarelo — «Chove bastante»**
> As ruas molham-se. O Instituto Português do Pânico emite um comunicado a recomendar calma. Ainda se pode ir almoçar fora.

> 🟠 **Laranja — «Chuvinha Assusta Montenegro»**
> Nível de alerta nacional. Encerramento de escolas, recomendação de teletrabalho, emissão de directos televisivos com mapas vermelhos. A chuva propriamente dita é opcional e pode não comparecer.

> 🔴 **Vermelho — «Chove a sério»**
> Nível teórico, nunca observado em Portugal. A sua existência é debatida pelos especialistas. Alguns sugerem que, a acontecer, o Governo pediria demissão. Outros acham exagerado.

casas portuguesas durante este dia histórico.

Milhares de pais descobriram, com surpresa, que os filhos têm aulas online em plataformas cujas passwords ninguém recorda. Milhares de trabalhadores descobriram, com igual surpresa, que a sua secretária de casa é uma tábua de passar a ferro com um portátil em cima. As videochamadas decorreram com a dignidade possível: um gato a passar em primeiro plano, uma obra no prédio vizinho, um vizinho a cantar. **A economia portuguesa produziu, nesse dia, sobretudo embaraço.**

Nas ruas, a paisagem era de filme pós-apocalíptico, com uma diferença: em vez de sobreviventes em busca de água, havia um ou outro cidadão a passear o cão, de gabardina, lançando ao céu um olhar de quem foi enganado. Nos cafés que ousaram abrir, os clientes comentavam o extraordinário acontecimento meteorológico: **«Está um bocado de nada, não está?»**

A factura, essa, não teve alerta

Houve, claro, quem pagasse a festa. As pequenas empresas que perderam um dia de facturação. Os

teve direito a mapa colorido, a música de suspense ou a comunicado oficial.

A chuva, essa, foi gratuita. Como sempre.

Os especialistas explicam (sempre explicam)

Contactados pela nossa redacção, vários especialistas em comunicação de risco esclareceram que a decisão foi *tecnicamente defensável*. Um deles, visivelmente satisfeito por estar na televisão, explicou que «é preferível pecar por excesso do que por defeito», ao que um segundo especialista, também na televisão, acrescentou que «o importante é que não haja vítimas», ao que um terceiro especialista, igualmente na televisão, concluiu que «o sistema funcionou».

Nenhum deles explicou como se recupera a credibilidade de um alerta vermelho depois de três avisos que não se confirmaram. **Mas todos concordaram que foi um excelente dia de trabalho para os especialistas.**

> 🗣️ **«Fecharam o país por causa de uma molha. A molha não veio. A factura veio. E o**

apoio ao cidadão enganado

Perante a avalanche de cidadãos que se sentiram ligeiramente ridículos por terem ficado em casa, o Governo estuda, ao que se diz, a criação de uma **Linha de Apoio Psicológico ao Molhado por Precaução**, com atendimento 24 horas e encaminhamento prioritário para quem tenha gastado um dia de férias.

Está também em estudo a possibilidade de atribuir um *selo de qualidade* aos alertas meteorológicos, à semelhança do que se faz com os vinhos: **«Alerta com denominação de origem controlada»** para os que efectivamente se confirmam, e **«Alerta de mesa»** para os que servem apenas para acompanhar o telejornal das oito.

Breve nota sobre a seriedade, para que não haja mal-entendidos

Convém dizê-lo com clareza, antes que alguém confunda a ironia com ignorância: as alterações climáticas são reais, os eventos extremos matam, e proteger as populações é uma obrigação do Estado. **Só que proteger as populações não é o mesmo que fechar**

planeamento — exige apenas um comunicado e um mapa vermelho.

E é essa diferença, simples e decisiva, que a expressão «Chuvinha Assusta Montenegro» capta com uma ironia que nenhum relatório técnico conseguiria.

Conclusão: um dia para a história (meteorológica)

Fica registado. No calendário nacional, o dia em que Portugal inteiro parou por causa de uma chuvinha que, chegando, se comportou como um convidado tímido: molhou a entrada, pediu desculpa e foi-se embora. Os telejornais vão esquecê-lo em quarenta e oito horas. As empresas não. As famílias, essas, ainda vão falar dele no Natal, com aquele riso resignado de quem já viu tudo.

E fica a expressão. Porque é isso que a sátira faz melhor do que qualquer análise: **guarda a memória de um despropósito numa frase de cinco palavras.**

Chuvinha Assusta Montenegro. Que conste dos anais.

✍️ Crónica satírica publicada em **Fragmentos do Caos** — cidadania, Portugal e o mundo. Texto em português de Portugal (anterior ao AO 1990). Expressão «Chuvinha Assusta Montenegro» da autoria do autor. Partilha livre com citação da fonte e do autor.

☁️ GitHub Pages

🛰️ CodeBerg Pages

🎆 **Fragmentos do Caos:** Blogue • Ebooks • Carrossel

👁️ Esta página foi visitada ... vezes.

Contactos